

MAN
DRA
GORA

COMUNICAÇÕES
COMMUNICATIONS
COMUNICACIONES



Revista da Sociedade Auxiliadora Feminina/IPB – Uma abordagem na perspectiva de gênero

*Robson da Costa de Souza**

RESUMO

A comunicação procura analisar as representações de gênero no contexto do trabalho feminino da Igreja Presbiteriana do Brasil, representante do chamado "protestantismo de missão". Ao verificar os artigos da *SAF em Revista*, publicação oficial do Trabalho Feminino/IPB, a pesquisa identificou práticas discursivas misóginas, relacionando-as com o fundamentalismo protestante. Inicialmente, procura-se explicitar a relevância da categoria gênero no estudo das representações sociais que perpassam as revistas analisadas. Em seguida, no contexto da revista *supra*, procura-se catalogar os símbolos culturais (religiosos) colocados na vida social, que evocam múltiplas representações, formando toda uma simbologia em torno do ser homem e ser mulher. Finalmente, constata-se que, dentro da IPB, organização religiosa na qual se dão as relações sociais apresentadas no corpo desse trabalho, a *SAF em Revista* é responsável pela reprodução sistemática dos conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos religiosos. Em suma, procura atuar de forma preponderante no processo de socialização das mulheres presbiterianas.

Palavras-chave: Fundamentalismo protestante – *SAF em Revista* – Gênero – Misoginia.

Magazine of the Female Aid Society/IPB – An approach in a gender perspective

ABSTRACT

This paper seeks to analyze the gender representations in the context of women's work within the Presbyterian Church of Brazil (IPB), which is a representative of the so-called "mission Protestantism". When checking the articles of *SAF em Revista*, official publication of the Women's Work/IPB, this research identified misogynous discursive practices and related them with the Protestant Fundamentalism. Initially, we sought to explain the relevance of the gender category in the study of social representations that cross the analyzed magazines. Then, in the context of the said magazine, we seek to catalog the cultural (religious) symbols placed in social life that evoke multiple representations, forming a whole symbolism around the condition of being a man and being a woman. Finally, we verify that, within IPB, the religious organization where the social relations presented in the body of this work occur, *SAF em Revista* is responsible for the systematic reproduction of the normative concepts that express interpretations of the meanings of religious symbols. In sum, it seeks to act preponderantly in the process of socialization of Presbyterian women.

Keywords: Protestant fundamentalism – *SAF em Revista* – Gender – Misogyny.

Revista de la Sociedad Auxiliadora Femenina/IPB – Un abordaje en la perspectiva de género

RESUMEN

La comunicación busca analizar las representaciones de género en el contexto de lo trabajo femenino de la Iglesia Presbiteriana de Brasil, representante del "protestantismo de misión".

* Graduado em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Bennett. Pós-graduado em Ciências da Religião (Especialização) pela Universidade Gama Filho. Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

Verificando los artículos de la *SAF em Revista*, publicación oficial del Trabalho Feminino/IPB, la investigación ha identificado prácticas discursivas misóginas, relacionándolas con el fundamentalismo protestante. En el inicio, se busca explicitar la relevancia de la categoría género en el estudio de las representaciones sociales que pasan por las revistas analizadas. En seguida, en el contexto de la revista arriba, se busca catalogar los símbolos culturales (religiosos) colocados en la vida social, que evocan inúmeras representaciones, formando toda una simbología en torno de ser hombre e ser mujer. Finalmente, se constata que, dentro de IPB, organización religiosa en la cual suceden las relaciones sociales presentadas en el cuerpo de ese trabajo, la *SAF em Revista* es responsable por la reproducción sistemática de los conceptos normativos que expresan interpretaciones de los significados de los símbolos religiosos. En suma, ella procura actuar de manera preponderante en el proceso de socialización de las mujeres presbiterianas.

Palabras clave: Fundamentalismo protestante – *SAF em Revista* – Género – Misoginia.

Introdução

Os presbiterianos, filhos do chamado “protestantismo de missão”, surgiram no Brasil em 1859 com a chegada do missionário estadunidense Ashbel Green Simonton (1833-1867) ao Rio de Janeiro, onde, em 1862, fundou a primeira igreja presbiteriana. Em 25 de julho de 1860, chega ao Brasil outro missionário presbiteriano, o rev. Alexander Latimer Blackford (1829-1890), cunhado de Simonton. Em setembro de 1888 foi organizado o Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, que se tornou, assim, autônoma, desligando-se das igrejas-mães estadunidenses¹. Segundo informações oficiais, a primeira Sociedade Feminina da qual se

tem notícia e documentos comprobatórios é a do Recife, PE, criada em 11 de novembro de 1884, com o nome de “Associação Evangélica de Senhoras”. Em 1941, ano da realização do 1º Congresso Nacional das Mulheres Presbiterianas, na Igreja Presbiteriana do Riachuelo, cidade do Rio de Janeiro, o nome das organizações locais (“Sociedade de Senhoras”) foi mudado para “Sociedade Auxiliadora Feminina”². Em 1955, houve o nascimento da *SAF em Revista*, que até hoje é a publicação oficial do Trabalho Feminino/IPB³. Atualmente, a tiragem da *SAF em Revista* conta com publicação de cerca de 38 mil exemplares por edição (cf. CE-SC/IPB – Doc. 173, 2008). Em suma, a SAF é uma Sociedade Interna da Igreja Presbiteriana do Brasil, que congrega suas sócias sob o critério de sexo e idade, sob a orientação, supervisão e superintendência do Conselho da Igreja⁴. Outrossim, as sociedades femininas da Igreja Presbiteriana do Brasil estão organizadas num sistema federativo e piramidal, ou seja, as SAFs internas locais são organizadas pelo Conselho da Igreja, por solicitação

tantismo de missão”, procurando explicar o descompasso entre o protestantismo brasileiro e a sociedade brasileira. Atualmente, enquanto movimentos neoconservadores atingem a sociedade estadunidense, tentando recuperar antigos valores, as Igrejas brasileiras, na esteira desses movimentos, agitam-se na busca de valores que nunca fizeram parte da sociedade brasileira. Por isso, conforme veremos no decurso dessa pesquisa, há uma semelhança de práticas/pré-dicas entre o fundamentalismo protestante estadunidense e a Igreja Presbiteriana do Brasil. Deve-se ressaltar que nossa pesquisa não pretende abarcar a cosmovisão dos movimentos neopentecostais.

² Na página virtual da SAF (<http://www.saf.org.br/downloads/historico_trabalho_feminino.html>), o leitor encontrará um breve histórico do Trabalho Feminino da Igreja Presbiteriana do Brasil.

³ Na *SAF em Revista*, toda matéria publicada está sob a coordenação da Secretária de Comunicação e Marketing da CNSAFs, com a supervisão da Secretária Geral do Trabalho Feminino. A parte administrativa, a editoração e a remessa das revistas é por conta da Casa Editora Presbiteriana (hoje Editora Cultura Cristã). Em geral, cada sociedade tem uma sócia encarregada de fazer as assinaturas e distribuir as revistas em sua igreja. É a Agente da *SAF em Revista* (Ribeiro, 2005:22).

⁴ Conforme o *Manual Unificado das Sociedades Internas* (1999:32), podem ser sócias da SAF jovens a partir de 18 anos, desejosas de participar desta Sociedade.

¹ Para uma análise da *evolução histórica e configuração atual* do protestantismo no Brasil, ver a seguinte obra: *Introdução ao protestantismo no Brasil* (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 2002). Nessa obra, o leitor encontrará uma breve exposição acerca dos diversos “protestantismos”. Entretanto, os autores focaram principalmente o chamado “protes-

escrita de seus componentes, ou por sugestão do secretário presbiterial; a Federação é a entidade que congrega as SAFs das igrejas jurisdicionadas a um Presbitério da IPB, ao qual se subordina e que funciona sob a supervisão de um secretário presbiterial; a Confederação Sinodal é a entidade que congrega as Federações dos Presbitérios nos limites de um Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil; a Confederação Nacional é a entidade que congrega as Sociedades Internas, as Federações e as Confederações Sinodais da Igreja Presbiteriana do Brasil, sob a supervisão de um secretário geral, eleito pelo Supremo Concílio. Em 2007, o relatório da presidente da CNSAF's, sra. Anita Eloísa Chagas, apresentou os seguintes dados estatísticos: 63 sinodais, 254 federações, 2.616 SAF's, 56.123 sócias (cf. CE-SC/IPB – Doc. 170, 2007).

Essa comunicação pretende realizar uma abordagem na perspectiva de gênero da *SAF em Revista*. O contexto mais amplo dessa pesquisa é a análise do fundamentalismo no contexto da Igreja Presbiteriana do Brasil, trabalho ainda em fase de desenvolvimento, orientado pela dra. Sandra Duarte de Souza, membro do corpo docente da Universidade Metodista de São Paulo. Acerca da Igreja Presbiteriana do Brasil, identificou-se um conjunto de práticas fundamentalistas, tais como: o permanente patrulhamento teológico, os incontáveis processos de disciplina eclesiástica, o dogmatismo, a quebra das relações ecumênicas, a inquietação diante do fenômeno da globalização, misoginia, a ausência de liberdade de consciência, a manipulação ideológica das mídias oficiais, o medo do pluralismo etc. Percebe-se também que a *SAF em Revista* reproduz sistematicamente um conjunto de representações sociais tradicionais (mulheres submissas, maridos amorosos, filhos obedientes, pais responsáveis), realimentando constantemente práticas discursivas misóginas.

Para Manuel Castells, o fundamentalismo protestante milita na reafirmação do patriarcalismo, que consiste na santidade do matrimônio (excluindo-se o divórcio e o adultério) e, sobretudo, a autoridade do homem sobre a mulher e a estrita obediência dos filhos, reforçada, se necessário, pela agressão física (1999, p. 39).

Ainda sobre a relação entre misoginia e fundamentalismos, Anthony Giddens afirma que:

Isso implica essencialmente o homem normal que se recusa a dialogar com a mulher, e, ao invés disso, a agride. Isso é uma recusa à comunicação, uma forma de fundamentalismo. Vejo, portanto, uma conexão estreita entre a diversidade de fundamentalismos e a violência no mundo moderno, com um tipo de potencial de mão-dupla. Você tem um tipo positivo de espiral de comunicação que a diferença cultural torna possível, de modo que se se é um homem e uma mulher, por exemplo, ou quaisquer duas pessoas, num encontro sexual, pode-se usar isso como uma prova de comunicação, a sua diferença se opõe e joga com as outras diferenças, você pode chegar a uma melhor compreensão de si mesmo e daí por diante. Ou você deixa as coisas se deteriorarem e degenerarem numa espiral de violência e ódio (GIDDENS, 1998).

De fato, a guerra contra as mulheres é uma maré crescente de violência masculina. Ela está conectada aos temas do fundamentalismo, da diversidade, do diálogo; e, junto com a violência sexual, é um grande problema em algumas sociedades (GIDDENS, 1998). Por isso, os aspectos teórico-metodológicos dos estudos de gênero são fundamentais ao desenvolvimento da pesquisa, permitindo relacionar as práticas da Igreja Presbiteriana do Brasil com o fundamentalismo protestante estadunidense.

Em primeiro lugar, procura-se explicitar a relevância da categoria gênero no estudo das representações sociais encontradas na *SAF em Revista*. Obviamente, a discussão do trabalho reside na esfera das construções sociais (mãe/pai, feminino/masculino, mulher/homem). Em seguida, no contexto da revista *supra*, procura-se catalogar os símbolos culturais (religiosos) colocados na vida social, que evocam múltiplas representações, formando toda uma simbologia em torno do ser homem e ser mulher. Finalmente, constata-se que, dentro da Igreja Presbiteriana do Brasil, organização religiosa na qual se dão as relações sociais apresentadas no corpo desse trabalho, a *SAF em Revista* é responsável pela reprodução sistemática dos conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos religiosos. Nesse sentido, pretende-se demonstrar que a *identidade subjetiva* da mulher presbiteriana se faz pela heteronomia, com ausência de autonomia; não vive com os outros, mas para os

outros⁵. Eliane Moura lembra-nos que nestas “relações múltiplas entre os indivíduos e suas representações sociais, entre o dado e o criado, há uma fronteira mutável, cheia de lugares para negociações culturais e sociais” (2006, p. 25). Ou seja, ao lerem os artigos da *SAF em Revista*, as mulheres presbiterianas realizam suas apropriações e ajustes em função de sua condição no mundo pós-moderno. Entretanto, a pesquisa reside no campo das representações sociais.

1. A relevância da categoria gênero

O planeta foi palco de intensas transformações na última metade do século XX. Talvez a maior delas tenha ocorrido “nas relações entre homens e mulheres, cabendo destacar nesse processo o impacto do crescimento da presença-visibilidade das mulheres em múltiplos e diversificados setores: no trabalho, nas escolas e universidades, na política, nas artes e ciências” (MATOS, 2003, p. 67). Deve-se ressaltar que nosso objeto de pesquisa tem consciência desse fato. No alvorecer do século XXI, a *SAF em Revista* publicou um artigo (“Novo século... antigo desafio”), afirmando que:

[...] ninguém pode negar que estamos vivendo tempos de grandes mudanças na sociedade globalizada de nossos dias e em nossas vidas particulares. As mulheres, especialmente, estão diante de um grande desafio. Desfrutamos bastante liberdade para nos realizarmos pessoalmente. Temos notícia de mulheres assumindo posições importantes no mundo da política, dos negócios, das ciências, e até no campo religioso. Parece que, de fato, chegou a vez e a hora de as mulheres deixarem sua marca no mundo em que vivem (ASSUMPCÃO, 2001, p. 10).

⁵ No glossário da obra *Preconceito contra a “mulher”: diferenças, poemas e corpos*, de Azerêdo, encontramos a seguinte definição acerca da questão da identidade: “Operacionalmente, identidade se refere à resposta à pergunta ‘Quem sou eu?’ (CIAMPA). Diz respeito a uma ilusão de unidade, estabilidade e permanência para se lidar com a relidade visível e consciente, ilusão esta que se desfaz no encontro constante com a diferença e a alteridade. A identidade se estabelece em relação e se constrói em função de uma diferença. Toda identidade se constitui através de um exterior que a desestabiliza (MOUFFE)” (cf. 2007:118-119).

Concomitantemente, desenvolvem-se, na década de 1970, os estudos de gênero, marcando o surgimento do feminismo da “segunda onda”. Ou seja, a utilização do conceito gênero, com a carga semântica que lhe é atribuída, é recente. Em seguida, o gênero, como categoria de análise histórica, ganha corpo nas universidades da Europa e dos EUA. Nesse sentido, nossa pesquisa está alinhada com estudos sobre a “diferença de gênero”⁶.

Diferentemente de sexo, gênero é um “produto social aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações” (FREITAS, 2003, p. 17)⁷. Segundo Elizabete Bicalho, “a categoria gênero nos convida a analisar a situação feminina a partir da relação social estabelecida entre o ser masculino e o ser feminino, construções culturais permeadas pela hierarquia e o poder construídos nas relações sociais entre os sexos” (2003, p. 48). Nesse sentido, as relações de gênero são uma forma primária de relações significantes de poder, pois são um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos.

Ainda sobre o assunto, Maria Amélia de Almeida Teles afirma que:

O conceito de gênero é complexo uma vez que pode ser entendido como uma categoria ou um instrumento que facilita o estudo e o diagnóstico das relações sociais, econômicas e políticas entre mulheres e homens e como se dão as relações de poder destes sobre aquelas (2003, p. 53).

Atualmente, os estudos de gênero são conjugados com análises de classe, raça e etnia. A cons-

⁶ Para Sandra Azerêdo, o termo *diferença* “coloca em cheque a noção de identidade, enquanto algo único, estável, centrada em si mesma e portadora de uma essência original. A diferença assenta e visualiza fronteiras. Podemos falar em diferença de gênero, que não se limita à diferença sexual, mas que se abre para uma multiplicidade de gêneros; diferença racial e diferença de classe, mas sempre pensando na diferença *entre* os espaços delimitados por gênero, raça e classe. Diferença diz respeito à alteridade, à existência de outrem que não o eu” (cf. 2007: 117).

⁷ Em outras palavras, “‘sexo’ é o dado biológico de uma classificação cultural doravante chamada ‘gênero’. ‘Sexo’ é o substrato biológico sobre o qual são construídas as práticas socioculturais de ‘gênero’” (cf. PIERUCCI, 1999:124).

tuição dos sujeitos não se faz exclusivamente pelo gênero, mas também pela classe social e pela raça/etnia. Nesse sentido, uma pessoa apresenta, simultaneamente, uma identidade de gênero, uma identidade de classe, uma identidade étnico-racial. Ou seja, um sujeito apresenta várias subjetividades. Além disso, pode-se também analisar a violência de gênero, destacando sua relação com o fenômeno social religião, pois o discurso religioso tende para a banalização da violência de gênero a partir da naturalização/sacralização da suposta inferioridade feminina. Nesse sentido, religião não apenas (re)produz a violência de gênero, mas a sacraliza.

2. A “mulher” presbiteriana: entre o silêncio e a (in)visibilidade

Esse capítulo trata das representações de gênero encontradas na *SAF em Revista*, publicação oficial do Trabalho Feminino/IPB. Na tentativa de catalogar os elementos que são recorrentes na *SAF em Revista*, a pesquisa trouxe à luz uma diversidade de artigos e um mosaico de pequenas referências esparsas que vão desde artigos até canções, hinos, poesias etc.

2.1 A “mulher” presbiteriana/o “homem” presbiteriano

Ao analisar a produção e manutenção do preconceito contra a mulher, Sandra Azerêdo afirma que, nas imagens de mulher, aparentemente isoladas umas das outras, existe uma dicotomia fundamental entre a santa/virgem e a puta (2007, p. 23)⁸. Obviamente, na percepção desses sujeitos religiosos, a mulher presbiteriana está enquadrada no primeiro grupo. Outrossim, o tripé mãe/dona-de-casa, pai/provedor e a outra/puta é ilustrativo em nossa análise, pois é o modelo consolidado na própria sociedade brasileira. Em primeiro lugar, na *SAF em Revista*, assim como na sociedade brasileira, a “mulher” é definida sempre em função do homem. Em 2004, no 1º Encontro Nacional da Mulher Presbiteriana, Serra Negra, SP, Wanda de Assumpção afirma que:

Ao fazer a mulher, Deus usou um método diferente daquele usado para fazer o homem. Ela foi criada a partir de outro ser humano, estando assim ligada a ele de forma indestrutível. A palavra do original hebraico usada para descrever essa ajudadora é “ezer”, que significa a pessoa que está diante de outra, cercando, dando apoio, suporte (2005, p. 23).

Deus fez a mulher com finalidades bem determinadas. Ela é “companheira e ajudadora”. É biologicamente definida para assumir a condição de mãe. Além disso, a mulher também é o complemento emocional do homem. No ato da submissão, a mãe/mulher encontrará sua verdadeira identidade.

Outrossim, como a pesquisa optou por uma categoria de análise relacional, o “homem” presbiteriano também deve ser objeto de nossa análise. Na sociedade capitalista falocêntrica, baseada na instituição da heterossexualidade (heterossexualidade compulsória), o “homem” presbiteriano, provedor, “cabeça”, no sentido de denotar anterioridade, autoridade, o primeiro em grandeza, chefe, príncipe, governante, “foi eleito por Deus para ser sacerdote da família, pai, na expressão máxima da palavra”. É o fundamento da família presbiteriana. “Está sempre alerta: é o mensageiro de Deus, aconselhando e agindo na hora certa”. Com essas palavras, a sócia Bety Lúcia Czaya, membro da SAF, conceitua o “homem” presbiteriano (2006, p. 25). Enfim, os homens devem se portar e agir como tais, segundo as representações ensinadas pelo grupo religioso.

Manuel Castells acredita que a afirmação do patriarcalismo é o resultado imediato de uma tensão, conforme segue:

Há uma reação óbvia por parte dos homens em defesa dos seus privilégios, convenientemente fundamentada na legitimidade divina, uma vez que seu papel cada vez menos significativo como único provedor da família abalou as bases materiais e ideológicas do patriarcalismo. Porém, existe ainda algo mais, compartilhado por homens, mulheres e crianças. Um temor profundamente arraigado pelo desconhecido, em especial assustador quando isso diz respeito ao cotidiano da vida pessoal. Incapazes de viver sob a égide do patriarcalismo secular, mas apavorados com a solidão e a incerteza presentes em uma so-

⁸ “Fundamental no “sentido mesmo de fundante”, afirma a autora.

cidade tremendamente competitiva e individualista, em que a família, como mito e realidade, representava o único abrigo seguro, muitos homens, mulheres e crianças rogam a Deus que os traga de volta ao estado de inocência em que podiam viver satisfeitos com o patriarcalismo benevolente, de acordo com a lei de Deus (1999, p. 43).

Na *SAF em Revista* do primeiro trimestre de 2002, o/a leitor/a encontra outro artigo elucidativo acerca do papel da mulher na sociedade. A autora principia o artigo com “uma história moderna”. No breve exórdio, Wanda de Assumpção narra a história de uma jovem “linda e inteligente” que foi influenciada pelos “amigos desajuizados”, afirmando finalmente sua autonomia: “Sei o que estou fazendo”⁹. No entanto, algum tempo depois, a mesma jovem foi apanhada dirigindo embriagada, pois não ouviu as palavras “sábias e amorosas dos pais” (2002, p. 12)¹⁰. Ou seja, longe do lar, a mulher está no caminho da perdição! Para legitimar seu argumento, a autora apela para o mito da “Eva e a serpente”¹¹, aliás, título do artigo. Em seu percurso, a jovem simplesmente imitou Eva. No lar, lugar perfeitamente belo, caracterizado pela proximidade do marido, Eva desfrutava de um privilégio especial, a presença do Criador. Além disso, para

a autora, Eva podia dizer que tinha tudo o que uma mulher deseja. Tinha tudo, mas não era “‘dona’ do seu lindo e arrebitado nariz!” Por isso, na percepção da escritora, a busca da autonomia em função da auto-realização é tentação. Outrosim, as conseqüências da rebeldia de Eva foram trágicas: “morte espiritual, morte física, moléstias, crimes, dores nos relacionamentos”. Enfim, cada mulher deve fazer a mesma escolha com que Eva se defrontou.

2.2 O feminismo e a emancipação das mulheres

Conforme observamos no tópico anterior, as imagens de mulher tomam como referência o homem, ou seja, as mulheres são sempre definidas em função dele. Em outras palavras, a mulher surgiu para combater a solidão do homem. Nesse sentido, a “mulher” presbiteriana é “mãe e boa dona de casa”. Assim, na tentativa de restaurar o propósito original da criação, recita constantemente o seguinte moto: “Sejamos verdadeiras auxiliadoras, irrepreensíveis na conduta, incansáveis na luta, firmes na fé, vitoriosas por Cristo Jesus”¹². Também canta em sua congregação o seguinte hino extraído do Manual Unificado das Sociedades Internas:

Esposas, mães piedosas,
Queremos ser, Senhor,
Fiéis e carinhosas,
Enchendo o lar de amor.
Que paz e harmonia
Dominem nosso lar,
E em tua companhia
Possamos sempre andar (cf. 2004, p. 26-27)¹³.

⁹ A leitora atenta percebe que o uso de algumas expressões é sintomático: “ela se preparava para prestar vestibular”, “o sonho de cursar a faculdade”, “profissão empolgante” etc. Ou seja, o caos se instala quando determinados espaços considerados masculinos (faculdade, volante de direção, emprego etc.) são ocupados por um mulher!

¹⁰ Em função da doutrina do *pecado original*, os pais presbiterianos percebem em seus filhos uma tendência natural para o mal. Dessa forma, é essencial à família educar filhos tementes a Deus e obedientes à autoridade dos pais, como também contar com total apoio da educação cristã ministrada na escola. Consequentemente, os fundamentalistas procuram transformar as escolas em campo de batalha entre o bem e o mal, entre a família cristã e as instituições representantes da secularização (cf. Castells, 1999: 39).

¹¹ No artigo supra, não há sequer uma referência explícita ao companheiro de Eva. Entretanto, na mesma revista, encontramos um artigo que utiliza o “mito da criação” para falar acerca do “Retrato do Homem Presbiteriano”. Nessa nova apropriação do mito, Ofélia Carvalho de Aguiar Reis afirma que o homem (designação de sexo?) é criatura de Deus. Dos seres vivos, só o homem foi feito à semelhança de Deus (Gn 1.26) (Cf. 2002:16).

¹² Sobre o moto da SAF, ver Rodrigues, 2005:21. Segundo informação da página virtual da SAF (<http://www.saf.org.br/downloads/historico_trabalho_feminino.html>), o moto foi extraído do final da tese “A mulher presbiteriana como embaixatriz do reino de Deus”, apresentada por d. Maria Pereira Alves, em 1949, no Congresso da Confederação Sinodal Central (com a modificação de “embaixatrizes” para “auxiliadoras”).

¹³ Atualmente, a SAF recomenda “insistentemente que as líderes cantem, em todas as atividades da SAF, o hino ASPIRAÇÃO FEMININA - 325 HNC (hino oficial do Trabalho Feminino)”.

Nesse sentido, “as crises pessoais e familiares decorrem das transformações dos usos e costumes, dos direitos e obrigações e expectativas sociais de comportamento privado e coletivo” (cf. Rocha, 2006, p. 30). Conseqüentemente, a chamada mulher moderna é o “bebê de Rosemary” do movimento feminista, pois:

No nosso contexto secular, [ela] decide não ter filhos por opção, pois seu sucesso profissional vem primeiro. Ela é reverenciada nos centros urbanos de nossa sociedade individualista, materialista e de consumo, pois o seu templo é o *shopping center* e o local de adoração é a academia em seu culto ao corpo. Não sem altos custos, porém (cf. ROCHA, 2006, p. 30).

Eliane Moura observa que os inimigos mais temidos e vigorosamente atacados pelos fundamentalistas são o feminismo e a emancipação das mulheres (SILVA, 2006, p. 18). Na percepção de Manuel Castells, a homossexualidade também entra nessa lista de inimigos. Nesse sentido, a instituição familiar, “fonte primeira da estabilidade social, da vida cristã e da realização pessoal”, foi abalada por homossexuais e feministas (1999, p. 40). Nas considerações da Comissão Executiva do Supremo Concílio (2005), por exemplo, o movimento feminista foi caracterizado como “filosofia mundana”, maldito, diga-se de passagem, que “mantém as mulheres sob ditame da sensualidade”, conforme segue:

CE-2005- Doc. 129 - QUANTO AO DOC. 104 – RELATÓRIO DA SECRETÁRIA GERAL DO TRABALHO FEMININO, IRMÃ ONILDA PORTELA CHAVES PEIXOTO. Considerando: 1. A quantidade de viagens, estudos e pregações feitas pela Secretária Geral e Presidente, à frente deste notável e abençoado trabalho feminino. 2. O demonstrativo gráfico onde se destaca atenção e preocupação santa com o amplo trabalho das mulheres na igreja. 3. A preocupação com um crescente espírito, no seio da igreja, quanto à descaracterização institucional, no qual as sociedades internas estão sendo combatidas. 4. Os imensuráveis trabalhos desse [sic] incansável sociedade. 5. O excelente número de assinantes da sua revista, e o abençoado tema que exploraram no quadriênio “Santidade ao Senhor”. 6. **Que em nossa sociedade, a maldição de uma filosofia mundana**

mantém as mulheres sob ditame da sensualidade, de um feminismo, de gênero contrário às escrituras. Resolve: 1. Louvar ao Senhor Jesus pelos 120 anos do trabalho das auxiliaadoras, nos quais tem procurado servir ao nosso Rei no caminho das Escrituras, no sacrifício precioso de suas vidas, na dedicação de seus talentos. 2. Congratular-se com a Secretária Geral e a Presidente pelo magnífico trabalho realizado na extensão da igreja nacional, bem como sua preocupação com aspectos que podem fraquejar os trabalhos das sociedades internas. 3. Recomendar que os Concílios da igreja estejam atentos a esta perigosa onda, que constantemente está voltando à igreja, cujo objetivo é descaracterização de uma historicidade, combatendo as sociedades internas. 4. Orar ao Senhor a fim de que a santidade buscada pelas irmãs a cada dia, as faça mais preciosas aos olhos de Deus e mais distintas dos modos e pensamentos mundanos (cf. CE-SC/IPB – Doc. 129, 2005).

2.3 O aborto

Na sociedade estadunidense, o movimento anti-aborto é a expressão máxima de militância e influência do fundamentalismo cristão. Para Castells, a luta contra o aborto simboliza todos os esforços voltados à preservação da família, da vida e do cristianismo (1999, p. 41). Observa-se que o tema ganha contornos precisos na *SAF em Revista*, evidenciando novamente uma reprodução do discurso fundamentalista no interior da Igreja Presbiteriana do Brasil. A despeito das questões sociais citadas pela autora do artigo “O aborto e a mulher cristã”, a dra. Ilma Donald Pereira, ginecologista e obstetra, nascida e criada na Igreja Presbiteriana do Brasil, afirma o seguinte:

Como médica cristã [...], a única exceção que vejo à realização de um aborto é quando a gestação leva a risco iminente de vida materna. Se a gestação prosseguir, temos a certeza de que a mãe e filho morrerão. Salvemos, então, pelo menos, a vida da mãe, para que ela possa criar os outros filhos (cf. 2002, p. 29). (grifos do autor).

Parece que o argumento da médica é marcado por certo conservadorismo utilitarista. Justifica-se o aborto para que a *mãe* “possa criar os outros filhos”. Entretanto, no mesmo artigo, a médica

afirma que a constatação das questões sociais não fundamenta a legalização do aborto, pois, segundo a médica, “os fins não justificam os meios”. Nesse caso, o/a leitor/a da *SAF em Revista* estaria diante de uma contradição evidente. Na verdade, a fala da autora apenas reproduz o posicionamento oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil:

SC-1986- Doc. 48 - Presbitério do Planalto - Sobre Controle da Natalidade - Doc. CXIV - Quanto ao Doc. 19 - do Presbitério do Planalto, sobre CONTROLE DA NATALIDADE E MÉTODOS CONTRACEPTIVOS, considerando ser necessário e urgente um posicionamento da Igreja quanto à questão do ABORTO. O Supremo Concílio resolve: 1) Considerando que Deus é a Causa Primeira de tudo, pois é o Criador de todas as coisas e principalmente da vida, e continua criando a cada instante pelo Seu poder; 2) Considerando que Deus não é apenas transcendente, nem tão pouco [sic] um Deus abscondido (escondido), porém, o Deus presente que governa e mantém tudo como quer, provendo todas as necessidades básicas de seus filhos; 3) Considerando que Deus, o Todo-Poderoso, é o Único Senhor, e somente Ele tem direito sobre as nossas vidas; 4) Considerando que, ao ser formado o ovo (novo ser), este já está com todos os caracteres de um ser humano; 5) Considerando que existem diferenças marcantes entre a mulher e o feto; 6) Considerando que o nascituro tem direitos assegurados pela Lei Civil brasileira, sendo determinado por Lei que se nomeie Curador se a mulher enviuvar estando grávida; 7) Considerando que na lição da doutrina a punição do aborto em suas três modalidades, “procurado, sofrido e consentido” justifica-se por importar na extinção de um Ser com Direito à vida e ainda por colocar em perigo a saúde e até a vida da mãe; 8) Considerando que a morte do nascituro não irá corrigir os males já causados no estupro, e o aborto não representa a solução para maternidade ilegítima, pois, a rigor, não haveria no caso filiação ilegítima, isto porque ilegítimos seriam os pais e não a criança; Resolve: 1) Repudiar a legalização do aborto, com exceção do aborto terapêutico, quando não há outro meio de salvar a vida da gestante. Hoje, com o avanço da ciência e técnicas cirúrgicas, quase nulo; 2) Repudiar anticoncepcionais abortivos; 3) Conclamar o povo evangélico, de um modo geral, principalmente o presbiteriano, a manter firme nossa linha tradicional, mesmo aqueles mais abertos, orientada na Palavra daquele que é o Senhor

da vida, Deus, pois, assim fazendo, estamos na linha correta e mantendo uma sociedade mais saudável, como “sal da terra e luz do mundo” que somos; 4) Recomendar que, na eventualidade de estupro, a mulher seja imediatamente objeto de atenção médica; 5) Publicar no órgão oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil a presente resolução para conhecimento de toda Igreja, com as explicações necessárias, de preferência por um membro da Comissão autora; 6) Sobre o assunto: Controle de Natalidade, nomear uma Comissão para estudar o assunto, enviando suas conclusões à Comissão Executiva do SC, em sua próxima reunião de fevereiro de 1987 (SC/IPB “Doc. 48, 1986).

2.4 O divórcio

Quanto ao divórcio, a *SAF em Revista* publicou um artigo de Paulo Ribeiro Fontes afirmando a indissolubilidade do casamento. Sem citar dados estatísticos, o autor afirma que a prática do divórcio “tem sido assimilada pela própria Igreja, o povo de Deus. Basta observar o número de membros de nossas igrejas, e até de pastores, que se divorciam e contraem novas núpcias” (2007, p. 10). Segundo opinião do pastor presbiteriano, a expressão bíblica “uma só carne”, usada por Jesus em Mateus 19.4-6a, aponta para o aspecto indissolúvel do casamento. Por isso, “não queira o homem mudar a ordem estabelecida pelo Criador” (2007, p. 11). E por ser o casamento indissolúvel, um segundo casamento de uma pessoa divorciada será uma relação adúltera. Nesse sentido, a situação dos crentes divorciados é uma anomalia. Outrossim, aqueles que já contraíram novas núpcias pecaram contra Deus. Em seguida, o autor concluiu o artigo da seguinte forma:

A sociedade moderna tem, infelizmente, assimilado a prática pecaminosa do divórcio como uma instituição tão boa e desejável como o casamento. Lamentavelmente, porém, tal prática traz conseqüências sociais nefastas. Ninguém perverte a ordem de Deus impunemente. Quando lemos a história das civilizações antigas e de suas quedas posteriores, descobrimos que há algo marcante e notável: o declínio dessas civilizações começa com o declínio dos padrões morais, a desvalorização do casamento e a desintegração da família. E mais lamentá-

vel ainda é o fato de que a própria Igreja, que precisa ser a luz do mundo e o sal da terra, vem se tornando como o mundo nesta questão. Que Deus tenha misericórdia de nós (2007, p. 12).

Na opinião do pastor, as crises sociais teriam um fundamento moral. Obviamente, a lista de representações de gênero não se esgota. Por isso, nossa pesquisa procurou enfatizar os elementos reincidentes na *SAF em Revista*. No próximo capítulo, pretende-se apresentar uma análise interpretativa dessas representações.

3. Protestantismo brasileiro, representações de gênero e fundamentalismo

Em nossa pesquisa, algumas vezes a palavra “mulher” está entre aspas justamente para enfatizar que não existe uma essência de mulher que estaria na origem dessas representações. E, como mostra Simone de Beauvoir em seu livro *O segundo sexo*, publicado em 1949, “não se nasce mulher, torna-se mulher” (cf. BEAUVOIR, 1980). Não é natural ser mulher e ser homem, pois a existência humana e suas intrincadas relações são construções históricas, sociais e culturais. Ou seja, ser mulher é uma construção histórico-social. Entretanto, parece que na *SAF em Revista*,

Os papéis de gênero são, então, sacralizados e baseiam-se na idéia de que homens e mulheres foram divinamente criados como tipos de pessoas com funções diferentes e complementares. Os hábitos e os costumes dos papéis sociais de gênero fazem parte de uma ordem divina e qualquer alteração significa pecado, transgressão e as consequências são sempre funestas (SILVA, 2006, p. 19).

As palavras de Eliane Moura da Silva acerca do “fundamentalismo evangélico” são perfeitamente aplicáveis ao nosso objeto de pesquisa. A família, os papéis de gênero separados pela cosmogonia bíblica, todas estas informações compõem uma cosmovisão por meio de narrativas e ensinamentos religiosos que diferenciam as “evangélicas” das outras mulheres do mundo (SILVA, 2006, p. 24). Segundo os fundamentalistas, esse modelo é a salvação da família, “esta pequena comunidade”, alicerce sobre o qual

se sustenta toda a sociedade. Ainda sobre o papel da mulher presbiteriana na sociedade, a *SAF em Revista* procura definir claramente os limites entre público e privado. Nesse sentido,

a reconstrução das categorias público e privado, na perspectiva feminina, pode ajudar a clarificar a questão. Os limites entre público e privado foram mais explicitados com a definição das esferas sexuais e da delimitação de espaços para os sexos. A representação do lar e da família, em termos naturais e da esfera pública, ao contrário, como instância histórica, foi uma herança vitoriana da qual emerge o dualismo público/privado, reafirmando o privado como espaço da mulher ao destacar a maternidade como necessidade e o espaço privado como *locus* da realização das potencialidades femininas (cf. MATOS, 2003, p. 79).

Evidentemente, as “mulheres emancipadas” não cabem nesse modelo¹⁴. Deve-se ressaltar que a *SAF em Revista* atua de forma preponderante no processo de socialização das mulheres da Igreja Presbiteriana do Brasil. Na Sociedade Auxiliadora Feminina, o desenvolvimento do tema do quadriênio ganha notoriedade na *SAF em Revista*. Entretanto, o tema “santificação”, reincidente na revista, merece destaque em nossa análise, pois, no protestantismo brasileiro, santificação implica aprendizado daquilo que é certo e permitido ou errado e proibido pelos padrões da comunidade. Outro aspecto importante no processo de santificação é a preocupação com a verdade doutrinária. Ser bom protestante é ter convicções profundas sobre a verdade revelada de Deus. Outrossim, o protestantismo brasileiro identificou-se com a ortodoxia fundamentalista, notoriamente na Igreja Presbiteriana do Brasil. Não se discute doutrina, assim como não se contestam padrões de comportamento. Ambos expressam a verdade revelada de Deus. A comuni-

¹⁴ Diante da linguagem heterodoxa, a comunidade religiosa tenta absorver e incorporar as críticas e idéias que o suposto herege vem expressando. Entretanto, as idéias novas não podem alterar a estrutura doutrinária, comportamental ou cultural vigentes. As mudanças nunca podem ser profundas. Ou seja, alterações que descaracterizem a herança histórica da comunidade não são permitidas. O passado ainda é sagrado e imutável (cf. VELASQUES FILHO, 2002: 229).

dade não tem o direito de repensar e redefinir esses limites. Por isso, no fundamentalismo evangélico, santificação e questões de gênero são temas que se entrelaçam, pois:

[...] a posição de liderança masculina na família e na comunidade da Igreja são acompanhadas pelo reforço do papel tradicional do homem como provedor, trabalhador, honesto e pai de família. Valorizar as desigualdade entre os gêneros, e reforçar os preconceitos baseados em padrões discriminatórios contra as mulheres, além de excluí-las de posições de poder em nome de uma “tradição” religiosa que reforça as prerrogativas masculinas, se transformam em argumento central da santificação, por serem uma expressão da vontade de Deus (SILVA, 2006, p. 20).

Ao analisar o cenário latino-americano, Eliane Moura Silva afirma que os homens abandonam com frequência mulheres e filhos. Entretanto, a ideologia patriarcal promovida pelas igrejas evangélicas encoraja-os a serem mais responsáveis e menos violentos. “As mulheres acabam por encontrar, nestas comunidades religiosas e nos valores tradicionais sobre a família, papéis de gênero definidos de forma convencional; um espaço e a oportunidade de um certo alívio para sua dura condição existencial” (2006, p. 21). Para essa autora, as mensagens religiosas desempenham uma função pragmática, pois pelas conversões e pela reforma dos papéis de gênero e, por extensão, da função marital, melhoram as condições e qualidade de vida dentro do núcleo familiar. Além disso, diante de uma miríade de conflitos e do excesso de trabalho, muitas “optam”, “escolhem” envolver-se em comunidades religiosas como fortes elementos de apoio (2006, p. 22). O texto “Supermulher poderosa... quem precisa dela?”, extraído da internet e reproduzido pela *SAF em Revista*, exprime esse sentimento de insegurança da chamada “mulher moderna”:

Gostaria de saber quem foi a mentecapta, a matriz das feministas que teve a infeliz idéia de reivindicar os direitos da mulher e por que ela fez isso conosco, que nascemos depois dela? Estava tudo tão bom; no tempo das nossas avós, elas passavam o dia a bordar, a trocar receitas com as amigas, ensinando-se mutuamente segredos de molhos e temperos, de remédios caseiros, lendo bons livros das

bibliotecas dos maridos, decorando a casa, podando árvores, plantando flores, colhendo legumes das hortas, educando crianças, freqüentando saraus, a vida era um grande curso de artesanato, medicina alternativa e culinária.

Aí, vem alguém, que não gostava de espalhar e contamina outras rebeldes com idéias mirabolantes sobre “vamos conquistar o nosso espaço”...

Que espaço!!!??? A mulher já tinha a casa inteira, o bairro todo, o mundo a seus pés. Detinha o domínio completo sobre os homens, eles dependiam dela para comer, vestir, e se exibir para os amigos. Agora eles estão aí todos confusos, não sabem mais que papéis desempenhar na sociedade.

Essa brincadeira acabou é nos enchendo de deveres, isso sim! E, PIOR, nos largando no calabouço da solidão aguda (2006, p. 29).

Em suma, em face do medo, sentimento bem presente nesses tempos “pós-modernos”, a religião torna-se “refúgio e fortaleza”. Não sem altos custos, porém.

Conclusão

A misoginia, no conjunto de práticas fundamentalistas identificadas no contexto da Igreja Presbiteriana do Brasil, tem relação direta com “a crise do patriarcalismo”. Nesse sentido, a *SAF em Revista* reafirma um conjunto de representações sociais, tais como: mulheres submissas, maridos amorosos, filhos obedientes, pais responsáveis. Na perspectiva dessa revista, esse seria o padrão de um lar perfeito. Deus fez a mulher com finalidades bem determinadas. Ela é “companheira e ajudadora”. Outrossim, a mulher também é o complemento emocional do homem. A utilização da categoria gênero possibilitou a análise da situação das mulheres presbiterianas. Constatou-se que a identidade subjetiva da mulher presbiteriana se faz pela heteronomia, com ausência de autonomia; não vive com os outros, mas para os outros. A chamada “mulher moderna”, caracterizada pela busca de autonomia, não cabe nesse modelo. Além disso, essas representações sociais geram demandas políticas, pois esses movimentos são militantes. No contexto da modernidade, estão inseridos na tensão entre religião e secularização.

Referências

- ASSUMPCÃO, Wanda. Família equilibrada, Igreja abençoada. *SAF em Revista*, São Paulo, Cultura Cristã, ano 51, p. 21-23, abr.- jun. 2005.
- _____. Eva e a serpente. *SAF em Revista*, São Paulo, Cultura Cristã, ano 48, p. 10-12, jan.- mar. 2002.
- _____. Novo século... antigo desafio. *SAF em Revista*, São Paulo, Cultura Cristã, ano 47, p. 10, jan.-mar. 2001.
- AZERÊDO, Sandra. *Preconceito contra a "mulher": diferença, poemas e corpos*. São Paulo: Cortez, 2007.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BICALHO, Elizabete. Correntes feministas e abordagens de gênero. In: SOTER (org.). *Gênero e teologia – interpelações e perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 37-50.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CZAYA, Bety Lúcia. Homem presbiteriano. *SAF em Revista*, São Paulo, Cultura Cristã, ano 52, p. 25, jan.-mar. 2006. Caderno Especial.
- FONTES, Paulo Ribeiro. Jesus e o divórcio. *SAF em Revista*, São Paulo, Cultura Cristã, ano 53, p. 10-13, jan.-mar. 2007.
- FREITAS, Maria Carmelita. Gênero/teologia feminista: interpelações e perspectivas para a teologia – Relevância do Tema. In: SOTER (org.). *Gênero e teologia – interpelações e perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 13-38.
- GIDDENS, Anthony. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 4 set. 1998. Entrevista concedida em 1993 a José Mauricio Domingues, Mônica Herz e Cláudia Rezende. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/179.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2008.
- IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Atas da Comissão Executiva do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil. 1999-2008*. Disponível em: <http://www.executivaipb.com.br>. Acesso em: 21 jan. 2008.
- _____. *Atas do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil. 1999-2008*. Disponível em: <http://www.executivaipb.com.br>. Acesso em: 21 jan. 2008.
- _____. *Digesto presbiteriano. 1900-2008*. Disponível em: <http://www.executivaipb.com.br/Digesto/Digesto%20Completo%20ate%202008.zip>. Acesso em: 21 jan. 2008.
- _____. *Manual presbiteriano*. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.
- MATOS, Maria Izilda S. Da invisibilidade ao gênero: odisséias do pensamento – percursos e possibilidades nas ciências sociais contemporâneas. In: SOTER (org.). *Gênero e teologia – interpelações e perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 67-88.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002.
- PEREIRA, Ilma Donald. O aborto e a mulher cristã. *SAF em Revista*, São Paulo, Cultura Cristã, ano 48, p. 29, jan.-mar. 2002.
- PIERUCCI, A. Flávio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- REIS, Ofélia Carvalho. Retrato do homem presbiteriano. *SAF em Revista*, São Paulo, Cultura Cristã, ano 48, p. 16, jan.-mar. 2002.
- RIBEIRO, Mathilde Meyer. Uma história de 50 anos. *SAF em Revista*, São Paulo, Cultura Cristã, ano 51, p. 22, out.-dez. 2005.
- ROCHA, Ana Maria. Supermulher poderosa... quem precisa dela? *SAF em Revista*. São Paulo: Cultura Cristã, ano 52, p. 29-31, jan./fev./mar. 2006.
- RODRIGUES, Manoel. Estudo sobre o moto da SAF. *SAF em Revista*, São Paulo, Cultura Cristã, ano 51, p. 21, jan.-mar. 2005.
- SAF/IPB. *Resoluções anteriores que daremos continuidade e novas resoluções*. Disponível em: http://www.saf.org.br/downloads/resolucoes_antiores_continuidade.html. Acesso em: 13 jan. 2008.
- _____. *Trabalho feminino da Igreja Presbiteriana do Brasil – Breve histórico*. Disponível em: http://www.saf.org.br/downloads/historico_trabalho_feminino.html. Acesso em: 15 dez. 2007.
- SILVA, Eliane M. Fundamentalismo evangélico e questões de gênero: em busca de perguntas. In: SOUZA, Sandra Duarte (org.). *Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p. 11-28. cap. 1.
- SAF EM REVISTA. *Supermulher poderosa... quem precisa dela?* São Paulo: Cultura Cristã, ano 52, p. 29, jan.-mar. 2006.
- TELES, Maria A. Feminismo no Brasil: trajetória e perspectivas. In: SOTER (org.). *Gênero e teologia – interpelações e perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 51-66.
- VELASQUES FILHO, 2002, p. 229.